

Galipoli, genocídio dos armênios e Churchill

Paulo Timm – 25 abril

“Nearly a century later, Australians, New Zealanders, and Turks all regard the conflict at Gallipoli as a central event in their modern history. Like Gettysburg, Gallipoli is shared sacred ground that unites former enemies and marks a pivotal moment in their past. ‘Those countries all date their existence to that battle’, says Australian National University historian Bill Gammage.”

http://www.slate.com/articles/news_and_politics/american_military_history/2013/11/the_battle_of_gallipoli_winston_churchill_mustafa_kemal_and_the_battle_th.html

Genocídio Armênio no Eurovision



Para a 60ª edição da Eurovision o representante armênio no ano do centenário será o grupo Genealogy (em português, genealogia, a ciência que estuda as origens). O grupo é formado por um representante armênio de cada continente do país mais um representante que reside na Armênia. A disposição do grupo no palco formará o desenho da flor miosótis (não-me-esqueças), símbolo do centenário do Genocídio Armênio, com o representante armênio no centro e os outros cinco ao redor nas pétalas. [Assista aqui ao clipe oficial da música Don't Deny.](#)

No último 24 de abril, como em anos passados, o noticiário internacional fartou-se na divulgação de dois acontecimentos concorrentes:

De um lado, líderes de várias partes do mundo, compungidos, à frente de grande multidão, na capital da Armênia, lembraram o centenário do genocídio de mais de um milhão de armenios - <https://www.facebook.com/pages/Centen%C3%A1rio-do-Genoc%C3%ADdio-Armenio-Brasil/653146188129650?fref=photo> . Estava começando a I Grande Guerra. Os armenios, cujas máximas expressões intelectuais foram presos no dia 24 de abril de 1915, acabariam expulsos em massa da vizinha Turquia, sob a alegação de traição. Foram constrangidos a atravessar, a pé, um deserto imenso, em direção à sua terra original, atrás do monte Ararat. Nunca alcançaram - <http://www.genocidioarmenio.org/> . Na verdade, instaurou-se, aí, uma diáspora armenia por todos os cantos do mundo, vindos muitos, inclusive, para o Brasil. Inúmeros filmes, dentre eles “América, América” de Elia Kazan, romances e canções, falam desta tragédia.

En 1975 el famoso cantante franco-armenio [Charles Aznavour](#) escribió la canción "Ils sont tombés" ("Ellos cayeron"), dedicada a la memoria de las víctimas del genocidio armenio.¹²¹



El Memorial del genocidio armenio en [Montreal, Canadá](#).

La canción "Adana", el nombre de la provincia de un pogromo de 1909 del pueblo armenio, y que cuenta la historia del genocidio armenio, se ha traducido a 17 idiomas y grabado por cantantes de todo el mundo.¹²²

La banda [System of a Down](#), compuesta por cuatro descendientes de sobrevivientes del genocidio armenio, ha promovido la toma de conciencia del genocidio armenio a través de sus letras y conciertos,¹²³ incluyendo las canciones "Holy mountains", en su disco "Hypnotize", "P.L.U.C.K" y "War?" en el álbum "System of a Down".

A fines de 2003, Diamanda Galas edita el disco "Defixiones, Will and Testament: Orders from the Dead," un homenaje de 80 minutos a los armenios, griegos y asirios víctimas del genocidio en Turquía. "La actuación es una encolerizada meditación sobre el genocidio y la política de negación, en

particular la negación de Turquía y Estados Unidos de América del genocidio de los armenios, asirios y griegos de Anatolia entre 1914 y 1923".¹²⁴

El compositor argentino Juan María Solare escribió un monodrama lírico titulado Verchin Oror (última canción de cuna), con texto de Ruben Sevak (1885-1915), uno de los poetas arrestados el 24 de abril de 1915. Esta obra (terminada simbólicamente el 24 de abril de 2015) fue un encargo de composición de la Fundación Encuentros Internacionales de Música Contemporánea (Argentina). La obra está escrita para mezzosoprano y quinteto instrumental (flauta, clarinete, violín, cello y piano)

Fonte – Genocídio Armeno - http://es.wikipedia.org/wiki/Genocidio_armenio

De outro lado, os turcos, antecipando um dia o centenário de sua vitória na Batalha de Galipoli, no dia 25 de abril de 1915, sobre as Forças da Tríplice Entente , que reunia Inglaterra, França e Rússia - http://pt.wikipedia.org/wiki/Entente_Cordiale - contra Alemanha, Império Austro Húngaro e Império Otomano, aproveitam para rejeitar a acusação de que teriam praticado genocídio contra o povo armeno. Alegam que jamais pretenderam liquidar os armenios, apenas tomaram medidas consideradas indispensáveis à segurança do país numa época de guerra, quando estes se mostravam mais leais ao inimigo russo, com os quais tinham afinidades culturais e religiosas , do que à Turquia muçulmana.

Aparentemente, o massacre sobre os armenios, ao qual se seguiram perseguições a gregos e russos residentes no Império Otomano, e a Batalha de Galipoli parecem dois fatos isolados - e distantes. Na verdade, estão interligados, pois ocorreram no mesmo momento, como uma represália dos turcos sobre os armênios, inclinados não só à própria independência, como pelos russos, aliados dos ingleses e franceses que tentavam quebrar a Turquia com a ocupação de Galipoli no início da I Grande Guerra.

março de 1915.



Ministro do Interior Mehmed Talat assinou a ordem para deportar os armênios



A ordem para deportar os



Intelectuais ¹⁶ armênios assassinados em 24 de abril de 1915. [nota 1](#)

notáveis
de Constantinopla, em
abril de 1915

armênios

http://pt.wikipedia.org/wiki/Genoc%C3%ADdio_arm%C3%AAnio

Na noite de 24 de abril de 1915, o governo otomano prendeu cerca de 250 intelectuais armênios e líderes comunitários.¹⁰ Esta data coincidiu com desembarques de tropas aliadas em Gallipoli, após as infrutíferas tentativas aliadas de romper o cerco aos Dardanelos para Constantinopla, em fevereiro e março de 1915.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Genoc%C3%ADdio_arm%C3%AAnio

Foi marcante o episódio de Galipoli, também, porque afetou a trajetória de um dos grande líderes do século passado, Winston Churchill, responsabilizado pelo fracasso em Galipoli na primeira fase da I Guerra, eis que já à testa do Almirantado britânico. Churchill, nesta estratégica posição, havia imaginado ocupar a Turquia através do Estreito de Dardanelos, uma abertura em torno de uma milha que liga o Mediterrâneo ao Mar de Mármara, para, daí, acudir a Rússia em apuros. Deu tudo errado. A Rússia ficou desamparada e emergiu do conflito aos escombros que conduziram à Revolução Bolchevique de 1917. Talvez sentindo-se culpado por tudo isto, Churchill, quase trinta anos depois, tentaria sufocar a URSS levando até lá a vitória Aliada. No rescaldo de Galipoli, enfim, à conta de Churchill, morreram 90 mil turcos e 60 mil aliados, enquanto documentos oficiais ingleses falam, hoje, em 500 mil mortos.



Península de Galípoli. - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gal%C3%ADpoli>

As the war bogged down, an ambitious British politician named Winston Churchill began dreaming up shortcuts to victory. Churchill, 40, had recently been given the dashing title First Lord of the Admiralty. He was eager to use the British navy under his command to accomplish something that equaled his ambition.

*Churchill's big idea was to ignore the Western Front entirely. He wanted to use the British navy to make a daring attack on Constantinople, the capital of the Ottoman Empire. Known as "the sick man of Europe," the empire was weak. It had been in decline for centuries, shrinking to a territory that was about twice the size of modern Turkey, before reluctantly joining the war on the side of the Germans.**

http://www.slate.com/articles/news_and_politics/american_military_history/2013/11/the_battle_of_gallipoli_winston_churchill_mustafa_kemal_and_the_battle_th_at.html

Passado o vexame e duas décadas, às vésperas de II Guerra, as advertências de Churchill sobre o caráter belicoso de Hitler custaram a ser ouvidas. Diante do inevitável, a invasão alemã da Polônia, em 1939, foi, afinal redimido e virou primeiro-ministro. Conduziu os ingleses na vitória aliada. Mas nunca deixou de ser visto como arrogante e ousado demais nas questões internacionais. E , depois da vitória na II Guerra, sendo um dos vitoriosos, ao lado de Truman, Presidente dos Estados Unidos, que sucedeu Rossevelt ,e Stalin, homem forte da União Soviética, seu aqodamento na tentativa de levar a guerra contra os soviéticos, foi congelada:

*Após a derrota da Alemanha, a Europa estava dividida entre os Aliados no oeste e os soviéticos no leste. Winston Churchill não confiava que Stalin fosse libertar os países ocupados pelo Exército Vermelho, sendo assim, ele e seus estrategistas militares prepararam a **Operação Impensável**, um plano que colocaria as forças aliadas contra as tropas soviéticas na Europa. As hostilidades começariam em 1 de julho de 1945 e envolveriam no rearmamento de 100.000 soldados alemães para que se juntassem aos Aliados. Churchill também queria que os Estados Unidos usassem a bomba atômica, caso os soviéticos se recusassem a se render. Os planos de Churchill nunca saíram do papel porque os norte-americanos estavam muito cansados para outra guerra. Em um telegrama enviado da Casa Branca, Harry Truman, o presidente americano, deixou claro que os Estados Unidos não ajudariam os ingleses na guerra para expulsar os russos da Europa Oriental.*

<http://kid-bentinho.blogspot.com.br/2013/12/10-planos-alternativos-da-ii-guerra.html>

Foi ele, Churchill, a propósito, quem reverberou Goebbels e consagrou o conceito de "Cortina de Ferro", como se pode ver no discurso que fez no **Westminster College**, em **Fulton**, no **Missouri**, Estados Unidos, em **5 de março de 1946**, citando a expressão "*iron curtain*" ou, seja, "cortina de ferro":

"De Estetino, no [mar] Báltico, até Trieste, no [mar] Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o continente. Atrás dessa linha estão

todas as capitais dos antigos Estados da Europa Central e Oriental. [Varsóvia](#), [Berlim](#), [Praga](#), [Viena](#), [Budapeste](#), [Belgrado](#), [Bucarest](#) e [Sófia](#); todas essas cidades famosas e as populações em torno delas estão no que devo chamar de esfera soviética, e todas estão sujeitas, de uma forma ou de outra, não somente à influência soviética mas também a fortes, e em certos casos crescentes, medidas de controle emitidas de Moscovo."

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cortina_de_Ferro

Então Churchill voltou a cair. Por toda a vida carregaria a fama de impetuoso em excesso. Mas não fosse Galípoli, uma espécie de Dia D que deu errado, a História do Século XX poderia ter sido diferente.

*A **Campanha de Galípoli**, também conhecida como **Batalha dos Dardanelos**, teve como palco a península de [Galípoli](#)(em turco: Gelibolu) na [Turquia](#), de 25 de abril de 1915 a 9 de janeiro de 1916, durante a [I Guerra Mundial](#). Foi uma das campanhas mais custosas e trágicas da guerra. Forças britânicas, francesas, australianas e neozelandesas desembarcaram em Galípoli, numa tentativa de invasão da Turquia e captura do estreito de [Dardanelos](#). A tentativa falhou, com pesadas perdas para ambos os lados. Os aliados se retiraram do local durante os meses de dezembro de 1915 e janeiro de 1916.*

As divisões [ANZAC](#) (Australian and New Zealand Army Corps) se viram especialmente danificadas, e esta campanha passou a significar certa dissensão por parte do aliados oriundos da [Nova Zelândia](#) e da [Austrália](#), que acusaram as tropas [britânicas](#) de arrogância, crueldade e inaptidão, bem como principais responsáveis pelo fracasso das operações. O Anzac Day (25 de abril) continua a ser a comemoração mais significativa dos veteranos na Austrália e na Nova Zelândia, superando o Dia do Armistício / Dia da Lembrança.

A Campanha de Galípoli repercutiu profundamente em todas as nações envolvidas. Na Turquia, a batalha é percebida como um momento definitivo na história da nação — a defesa final da terra-mãe após séculos de desintegração do Império Otomano. A luta estabeleceu as bases para a Guerra de Independência Turca e a fundação da República Turca oito anos mais tarde, sob Atatürk, ele próprio um comandante em Galípoli.

É difícil o exercício de cenários do “se”, isto é, se tivesse acontecido isso ou aqui, como seria o mundo?

Se o Plano de Churchill tivesse dado certo e a Turquia tivesse caído, levando os aliados ao apoio do Tzar Russo, isto poderia ter evitado sua derrocada. Isso

posto, dificilmente emergeria a situação revolucionária que tanto beneficiou o assalto ao Palácio de Inverno pelos bolcheviques. Com isso, Churchill poderia ter sido ouvido a tempo na Inglaterra, evitando o fato consumado por Hitler ao final da década de 30. Ele teria, senão evitado a II Guerra, pelo menos impedido que fosse conduzida por Hitler..

E se Hitler e não os Aliados tivesse vencido a Guerra? Como seria o mundo? Teríamos, certamente, uma reedição do Congresso de Viena, de 1815, com o retardamento dos processos de descolonização da África e Ásia. Internamente à Europa, o pacto social-democrata jamais tivesse se concertado. Distante do teatro de operações, os Estados Unidos, que jamais quiseram a guerra, talvez tivessem chegado a um Acordo de Paz com o “Triunfo do III Reich”.

Imagine-se, de outra parte, se em 1945, derrotado Hitler, os Aliados – e lá estava o Brasil..., com Estados Unidos à frente, tivessem feito a guerra contra a URSS de forma a ter evitado a Guerra Fria que se instalou depois do conflito. Não seria um enfrentamento fácil. O Exército Vermelho estava em pleno vigor, estabelecido em Berlim, exaltado por ter infligido um duro golpe nos alemães. Mas não dispunha, naquele momento, do acesso à tecnologia nuclear, a qual, em marcha forçada levaria os americanos a detonarem a primeira bomba atômica em Hiroshima, no início de agosto daquele ano. Isto significa que, ouvido Churchill, a União Soviética poderia ter sido exterminada, também, no mesmo processo, dando outra face ao século XX. A descolonização no Terceiro Mundo e o avanço social-democrático na Europa talvez não ficassem completamente comprometidos, mas seriam, certamente, bem mais conservadores do que foram.

Quanto à América Latina não creio que as mudanças derivadas da vitória alemã ou mesmo de uma eventual liquidação da URSS tivessem mudado substancialmente o desenrolar dos acontecimentos. Hitler e o nazi-fascismo também não durariam para sempre. Como a hegemonia americana, com ou sem a URSS, tampouco o será. O continente tem sua lógica política própria, avessa, aliás, tanto aos imperativos liberais proclamados desde Bretton Woods até o Consenso de Washington, como às proclamações que lhes correspondem em doutrina política, sempre avessa ao papel do Estado como promotor de cidadania e do desenvolvimento que tanto apreciamos.

Enfim, dois acontecimentos como Galipoli e Genocídio armênio, embora estranhos ao nosso cotidiano, são, não obstante, um convite à reflexão sobre os caminhos e descaminhos da História.

A Turquia, entretanto, mesmo derrotada na I Guerra e reduzida em sua geografia e influência no mundo, saiu de Galípoli erguida para as mudanças que se sucederam sob o comando de Kemal Atatürk.



Mustafa Kemal in 1918.

Photo by Presidency of Republic of Turkey via Wikimedia Commons

A campanha de Galípoli também deu um impulso à carreira de [Mustafa Kemal](#), um comandante desconhecido do exército turco que ultrapassou sua autoridade e desobedeceu ordens a fim de conter o avanço aliado e, eventualmente, fazê-los recuar. Mustafa Kemal, que trocou seu nome para Kemal Atatürk, tornou-se o fundador do Estado Turco moderno após o colapso do [Império Otomano](#).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gal%C3%ADpoli>

Turquia é hoje um estado laico e moderno, pronto para se incorporar, talvez, mais à Agenda dos BRICS do que à da UNIÃO EUROPEIA. O genocídio armênio lhe é, por certo, indigesto, mas cedo ou tarde terá que se enfrentar com este passado. Por isso mesmo o Brasil deveria reconhecer logo este crime contra a humanidade, até como um sinal aos turcos de que a Doutrina dos

Direitos Humanos não é uma amenidade, mas uma verdadeira estratégia de sobrevivência da humanidade no século XXI. Já os países europeus, sedes de Impérios Coloniais que se redesenharam no final da I Guerra com o objetivo de colocar os resíduos do Império Otomano sob seu “protetorado”, antes de exigir da Turquia a retratação do crime contra os armênios, deviam se desculpar com os povos colonizados pelas barbáries cometidas contra eles. Só para o Brasil, mais de 2 milhões de africanos foram trazidos cativos por Portugal para impulsionar a economia do Fazendão Tropical. Outro tanto morreu nas viagens... Isto não foi genocídio?